

Pós- Graduação – Engenharia Mecânica - Escola de engenharia de São Carlos –

Preparação Pedagógica

Texto N. 2

Profa. Dra. Paula C. G. M. Crnkovic

A escola e o pensamento pedagógico no contexto das revoluções burguesas

Foi durante a construção do Estado burguês que se deu a transição entre o sistema feudal e os primórdios da sociedade capitalista. Em oposição ao período anterior, restrito ao mundo feudal e da vida do campo, novas relações sociais florescem e a sociedade começa a se transformar.

Enquanto na sociedade feudal as relações sociais estavam totalmente restritas ao feudo e a maioria dos homens era dependente das terras senhoriais, a nova sociedade passa a ser centrada no desenvolvimento urbano e comercial, é o início da sociedade burguesa.

Nesta longa fase de transição do mundo feudal para o capitalista, que corresponde ao período entre os Séculos XV e XVII, as reformas enfraquecem o catolicismo. No que se refere à educação, mesmo que a Igreja Católica continuasse exercendo forte influência, surgem neste período as escolas dos religiosos reformados. É dentro das ideias reformistas, já no Século XVII, que Comenius, educador e pedagogo, propõe que a educação seja um instrumento de uma reforma de toda a condição humana, cuja máxima é que se ensinasse “tudo a todos totalmente” e, assim, é considerado para os historiadores como sendo o fundador da didática e, em parte, da pedagogia moderna (BITTAR, 2009, p. 42-45; BITTAR, 2013).

Ao longo deste período, houve também mudanças da forma de produção da sociedade burguesa. Inicialmente, todas as etapas de produção de bens artesanal eram realizadas por um única pessoa. Entretanto, os mercadores controlavam o destino da matéria prima e o processo produtivo, e, assim, passaram a se posicionar entre os mestres e o consumidor. O velho artesão está desaparecendo, ou seja, não é mais uma figura social determinante (MANACORDA, 1992, p. 271). Há mudanças econômicas e sociais nas quais o trabalho individual não se sustenta mais, pois começa a prevalecer a manufatura e é onde se efetua a primeira divisão do trabalho.

Neste processo de transição e ainda com a intervenção da ciência, a força produtiva não é mais dada pelo homem, mas sim pela força motriz, sustentada pela água dos rios e, posteriormente, pelo carvão mineral (MANACORDA, 1992, p. 270).

Este é o processo da criação das fábricas, no qual as máquinas realizam as operações do homem e a habilidade deixou de ser tão importante como antes. O trabalho é feito fora de casa nos edifícios dos empregadores e sob rigorosa supervisão, os trabalhadores perdem completamente sua

independência (HUBERMAN, 1986, p.125) e é transformado em um moderno proletário (MANACORDA, 1992, p. 271).

Neste sistema fabril, que além dos modos de produção através da modificação dos processos de trabalho, muda também os modos de vida, o processo passa a exigir um novo perfil de homem que deveria ser educado para as novas relações sociais. Estas mudanças significativas nas ideias e moral que surgiram, passaram a exigir novas formas de instrução e, de modo geral, trouxeram transformações que modificaram a história da humanidade (MANACORDA, 1992, p.249).

O ápice destas transformações burguesas ocorreu no final do Século XVIII quando eclodem três grandes revoluções que consolidam a burguesia como classe dominante: a da independência americana (1776), a burguesa e jacobina na França (1789) e a econômico-industrial na Inglaterra (1760–1850).

Os movimentos revolucionários, em cuja marcha inicial adotaram o lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, foram influenciados pelos ideais do movimento Iluminista, sendo a França o país onde tais ideias foram geradas. O nome Iluminismo se deve aos filósofos desta época que defendiam que o pensamento era a única luz capaz de iluminar as trevas e é também quando a ciência dá seus passos fundamentais.

Neste cenário institui-se um Estado Nacional e é quando assistimos a uma potencialização da educação. De acordo com Cambi (1999, p. 326) a Educação é delegada “a função de recuperar todos os cidadãos para a produtividade social, construir em cada homem a consciência do cidadão, libertar os homens de preconceitos, tradições acríicas, fés impostas, crenças irracionais”. Segundo o autor, a Educação é posta cada vez mais no centro da vida social, ou seja, é a chave mestra da vida social. É o momento em que a Educação se torna um fato político, sai da hegemonia das Igrejas e passa para o âmbito Estatal (BITTAR, 2013).

Desenvolve-se no Século XVIII uma nova pedagogia, a pedagogia crítico-racionalista que influencia a criação da moderna instituição escolar pública. (CAMBI, 1999, p. 329). É neste contexto que Manacorda (1992, p. 149) nos ensina que fábrica e escola nascem juntas e com elas vem as leis que suprimem a aprendizagem corporativa e da ordem dos jesuítas.

Em complemento, Cambi (1999, p. 324) denomina o Século XVIII como sendo o divisor de águas entre o mundo moderno e o mundo contemporâneo, pois este foi o século de grandes pensadores como Voltaire, Diderot, Rouseau e Kant.

Segundo Manacorda (1992, p. 249), os filósofos e soberanos Iluministas do Século XVIII não tiram nenhuma novidade do próprio cérebro mas são os intérpretes e executores desse processo de transformação que está ocorrendo.

Em meio às turbulências da Revolução, houve a organização da instrução pública, versando sobre o discurso da educação e instrução para todos, para meninos e meninas indistintamente (universalidade), a obrigação do Estado de manter escolas (estatalidade), o direito à educação pública (gratuidade), a garantia de que a escola pública não esteja sob domínio religioso, nem pertencente à Igreja Católica e nem à Igreja reformada (laicidade) (BITTAR, 2009, p. 59).

Entretanto, mesmo diante desta bandeira levantada pela burguesia revolucionária, os rígidos padrões trabalhistas do sistema fabril, onde se incluíam crianças e mulheres, exigiam e impunham condições de modo que as crianças submetidas a estes encargos não se dedicassem muito tempo aos estudos. Este cenário exemplifica e evidencia o fato de que, apesar da defesa da universalização, gratuidade e laicidade da escola pública, a sociedade apenas vivenciou o discurso pelo direito à educação.

Manacorda (1992, p. 358) mostra que neste período histórico, o qual é chamado por ele de Setecentos, havia necessidade de educar humanamente todos os homens. Segundo o autor, diferentes grupos lutam por uma nova estrutura escolar e esta passa a ser introduzida na sociedade moderna.

Muitas modificações acontecem no aspecto do sistema educativo. Desenvolvem-se neste período muitas reivindicações e discussões “por homens de várias tendências”, como foi o caso das propostas dos girondinos e jacobinos que diziam que a instrução é uma necessidade e deve estar ao alcance de todos (MANACORDA, 1992, p. 251).

Uma figura importante que se sobressai no sistema educacional no Século XVIII é Jean-Jacques Rousseau. Embora não tenha sido um educador, assim como Comenius, Pestalozzi ou Froeben, Rousseau apresenta planos para a Organização Educacional e pode ser considerado um dos pais da pedagogia moderna (MANACORDA, 1992, p. 240; BITTAR, 2009, p. 63).

Um traço significativo do pensamento de Rousseau que passa a residir nos caminhos práticos é o da revolução da abordagem pedagógica (MANACORDA, 1992, p. 242). Rousseau foi também o pioneiro em reconhecer que a mente da criança é diferente da mente do adulto. Para exemplificar esta afirmação, a seguir transcreve-se um trecho da obra-prima *Emílio*, citada em Manacorda, 1992, p. 243.

“Não se conhece absolutamente a infância: com base nas falsas idéias que temos dela, quanto mais se avança, tanto mais se erra. Os sábios baseiam-se naquilo que o homem adulto precisa saber, sem considerar naquilo que a criança tem condições de aprender

A partir das lições de Rousseau, houve uma mudança profunda da visão da infância. Ao lado de Comenius, mas em posições diferentes, Rousseau é de fato uma chave mestra do pensamento pedagógico (BITTAR, 2009, p. 66).

Contudo, Manacorda (1992, p.243) nos alerta para o fato de que seria uma simplificação banal reduzir todo pensamento de Rousseau à visão puerocêntrica e se esquecer do aspecto social por ele também defendido. No primeiro caso, formulou uma pedagogia, que se encontra em *Emílio*, no segundo escreveu o *Contrato Social*, entre outras obras (Arbousse-Bastide, 1999, p.16).

Como descrito por Manacorda (1992, p. 256-257), nos anos da Revolução Francesa afirmava-se na Inglaterra uma nova iniciativa educacional promovida por particulares: o ensino mútuo, no qual os adolescentes, instruídos diretamente pelo mestre, ensinam outros adolescentes,

“este sistema é destinado a diminuir as despesas da instrução, a abreviar o trabalho do mestre e a acelerar os progressos do aluno.”

De acordo com Bittar (2009, p. 71) além do ensino mútuo, também outro fato novo surge na pedagogia nesta Inglaterra industrializada, que é o das escolas infantis. Bittar (2009, p. 74) citando Manacorda descreve que enquanto inovadores ingleses experimentavam o ensino mútuo, Pestalozzi atuava na Suíça seguindo as reflexões de Rousseau.

Como descrito por Manacorda (1992, p. 261) a respeito de Pestalozzi:

“Todavia, seu exemplo concreto e suas intuições de psicologia infantil e de didática constituíram um dos pontos de partida de toda a nova pedagogia e de todo o novo engajamento educativo do Oitocentos”

Além da didática, como apresentado, a renovação da escola também se dá quanto à organização sistemática em graus de ensino, como escola primária, secundária e ensino superior. (BITTAR, 2013).

Conforme mostra Manacorda (1992, p. 251), “a Revolução Industrial muda também as condições e as exigências da formação humana”, a mesma importância da tradição humanística foi dada às novas disciplinas científicas técnicas. Na Inglaterra passou-se a dar muita importância aos estudos científicos e as instruções são adequadas às exigências das fábricas. Esta é a pedagogia moderna que se definiu a partir do desafio das relações entre trabalho e instrução.

Assim, as escolas dos Sistemas Nacionais Públicos, são públicas, estatais, civis (que não é ligada a um credo religioso), uma organização sistemática (organizada em graus e faixa etária) e confiantes na alfabetização e na difusão da cultura como elementos da democratização (BITTAR, 2013).

Cambi (1999, p. 324) ressalta que é neste período que acontece a realização da sociedade moderna, é quando homem-indivíduo é o novo sujeito social, é quando surge uma nova imagem do Estado e da economia, rompendo desta forma, com o antigo regime.

Na transição dos Setecentos para os Oitocentos a pedagogia passa de política para social. A escola é direcionada para satisfazer as necessidades da burguesia no sentido de formar o trabalhador para a fábrica, passa para um ideal de perfeição humana, ou pelo menos para o bom desenvolvimento das individualidades (MANACORDA, 1992, p. 272).

Considerações Finais

As novas ideias e modos de vida criados a partir das revoluções burguesas foram mudanças denominadas estruturais e contribuíram para a consolidação do sistema capitalista. Estas mudanças também atingiram a escola, que ao ser mantida pelo Estado, passa a instituir comportamentos padronizados, passa a controlar a escola e ainda dentro dos moldes tradicionais, com uma forma autoritária de educação e induzindo a passividade na vida escolar.

Cabe refletir que, para entendermos a escola contemporânea, é essencial compreender os processos que a construíram. Como nos ensina Cambi (1999, p. 328), foi no Século XVIII quando

nasceu a escola com suas características públicas, estatais e civis, com sua estrutura sistemática, com seu diálogo com as ciências. No entanto, as transformações dos conteúdos de ensino e a busca pelo melhor método para aquisição de conhecimentos foram estratégias adotadas para se adequarem aos interesses em aumentar a capacidade de produção e, conseqüentemente, aumentar o lucro da burguesia.

A partir destas considerações e dentro desta evolução histórica salientada na transição dos Setecentos para os Oitocentos, pode-se denotar que o sistema educacional não é neutro e nem desinteressado.

O lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” - direitos que expressam a natureza do novo cidadão - foi a bandeira levantada pelos revolucionários, mas que coube somente a poucos desfrutarem.

Referências Bibliográficas

ARBOUSSE-BASTIDE, P.; MACHADO, L. G. **Introdução e Notas**. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do Contrato Social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes. São Paulo: Abril Cultural, 1999 (Os pensadores).

BITTAR, M. **O Estado Burguês e a Educação**, São Carlos, SEaD UFSCar, 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=y0Px1po7j6o>, acesso em 01 de junho de 2018.

BITTAR, M. **História da Educação** – da Antiguidade à época contemporânea. São Carlos, EdUFSCar, 2009.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo, Editora Unesp, 1999.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. 21.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986

MANACORDA, M. A. **História da Educação** – da antiguidade aos nossos dias. Tradução de Gaetano Lo Monaco, São Paulo – Cortez Editora, 1992.